

Olhos d'água

Resumo: O conto que dá nome à coletânea é narrado em primeira pessoa. A narradora, uma mulher negra, acorda certa noite atormentada pela pergunta “De que cor eram os olhos de minha mãe?”. Lembranças da infância pobre na casa de sua mãe lavadeira aflora: a mãe, brincando de “Rainha” com flores colhidas ao redor do barraco, revelava às filhas sua força e ternura mesmo nos dias de fome. A narradora cresceu cedo em meio à miséria e à discriminação herdada do passado escravocrata. Sem descobrir a cor exata dos olhos maternos, ela entende que a pergunta sobre “olhos molhados” se refere às lágrimas (“águas”) daquela que resistiu às privações. Em diálogo com as ancestrais (Oxum), percebe que sua própria descendência carrega aquela memória fluida: ao final, a mãe da narradora é vista como figura ancestral de resistência.

Análise crítica: Este conto inaugura a coletânea com poesia e sensibilidade, denunciando a opressão social e racial. A escrita de Evaristo mistura prosa poética e coloquialismos, como no neologismo “**boneca-mãe**”, que descreve a mãe transformando-se em grande boneca negra para as filhas. Há uso de metáforas e flashbacks: a história começa “no meio da ação” (in media res) com a pergunta sobre os olhos da mãe, e só então mergulha nas memórias da protagonista. A religiosidade africana aparece nas brincadeiras (“Rainha” com flores) como forma de resistência cultural. O tom é de denúncia: mostra como a pobreza extrema é enfrentada com imaginação – “se as pernas não andam, é preciso ter asas para voar” – e, sobretudo, como o afeto materno ameniza a crueldade da vida. Ao mesmo tempo, reforça o conceito de *escrevivência*, do relato em primeira pessoa de quem vive na periferia. O impacto do conto está em valorizar a ancestralidade feminina (Oxum) e em registrar que, apesar do sofrimento, há vitalidade e memória passadas de geração em geração.

Personagens principais e representação: A narradora/protagonista – filha primogênita de uma mãe lavadeira, representa a mulher negra que carrega no corpo e na alma a história da escravidão e da miséria. A própria mãe (implicada no jogo de “Rainha”) simboliza a resistência materna: mesmo sem recursos, ela oferece ternura às filhas. Ambas ilustram o legado intergeracional de sofrimento e afeto. O neologismo “**boneca-mãe**” realça como a figura materna é ao mesmo tempo símbolo de fragilidade e de força, encantando e protegendo as crianças. Os olhos da mãe, “como águas correntezas”, são metáfora poética de generosidade e de lembrança viva.

Ana Davenga

Resumo: Narrado em terceira pessoa onisciente, este conto segue Ana e Davenga, casal de favela líder e companheira. Começa no momento em que Ana aguarda o aniversário surpresa que Davenga planejou. Recorda-se o encontro inicial deles: Ana, dançarina de samba, seduz Davenga, um chefe do tráfico em fuga da polícia, lembrando-lhe as mulheres da família deixadas em Minas Gerais. Eles vivem juntos no barraco que funciona como quartel-general do bando. Davenga era violento: matou Maria Agonia, uma ex-namorada,

mas amava intensamente Ana. Ela, por sua vez, escolheu levar seu filho em gestação e assumir o nome dele por amor. No aniversário de Ana – em meio a uma festa com samba –, policiais invadem o barraco com metralhadoras. Davenga sabe que será preso ou morto, e prefere morrer antes. Quando os policiais mandam as armas ao chão, ele atira contra eles, é alvejado e cai junto de Ana, que também morre ao proteger o filho nos braços. O conto termina com a morte violenta de ambos:

“A notícia lamentou a morte dos policiais; na favela, os comparsas choraram a morte de Davenga e de Ana, que morreram metralhada, ‘protegendo com as mãos um sonho de vida que trazia na barriga’”.

Análise crítica: Este conto intenso denuncia a violência cotidiana nas favelas e o conflito entre amor e criminalidade. A narrativa incorpora **sons**: as batidas de samba na festa contrastam com o estampido dos tiros do fim, criando tensão. Destaca-se o neologismo **“gozo-pranto”** para descrever o líder Davenga: sua ambivalência de agressor e amante sensível (sua ejaculação entre lágrimas). Evaristo emprega discurso indireto livre e diálogo coloquial (“Mulher, tá pancada? Parece que bebe?”) para dar naturalidade ao texto.

Na análise do estilo, salienta-se o tom trágico inevitável: assim como em outros contos masculinos, o protagonista sucumbe brutalmente. O impacto vem da empatia forçada: Ana e Davenga parecem corrigir verdades sobre lealdade e amor, mas são esmagados pela repressão policial. Há uma forte crítica social: apesar da brutalidade, a cena final os vê como vítimas de um sistema que levou sua vida de riscos a um desfecho sangrento.

Personagens principais e representação: **Ana** é mulher negra, mãe dedicada de três filhos, ex-companheira de Davenga. Ela simboliza o amor sacrificial: mesmo sabendo dos crimes dele, acolhe-o; no momento final, defende o filho e morre antes de ser acusada. **Davenga** é o vilão sensível – é cruel (ordena assassinatos, gosta de intimidar poderosos), mas também chora de amor por Ana. Essa dualidade (violento e vulnerável) é realçada pelos neologismos e descrições.

Outros personagens importantes: **Maria Agonia**, ex-amante morta por Davenga, ilustra o passado violento; o **filho de Ana (bebê)**, embora não apareça vivo, representa o último sonho dos protagonistas. A morte conjunta do casal é simbólica de tragédia romântica e da denúncia da falta de futuro para aqueles que crescem marginalizados.

Duzu-Querença

Resumo: Nesse conto onisciente, o foco é **Duzu**, uma prostituta pobre, e sua neta **Querença**, adolescente estudiosa. Começa em uma cena do final da vida de Duzu: ela, idosa e moribunda, fantasia que voa no carnaval. Viu-se fantasiada de baiana com estrelas coladas pelo amigo de mendicância e, em delírio, “voava”, revisitando faces de familiares.

O texto então recua ao passado: Duzu foi levada criança à cidade, serviu como escrava doméstica e foi explorada sexualmente em pensão. Conquistou certa independência, teve

nove filhos e muitos netos, mas viveu sofrimentos (cafetinas, violência). Alguns filhos seguiram o crime; um neto, Tático, morreu aos 13 no tráfico, o que a mergulhou no delírio para suportar o luto. Antes de morrer, Duzu passa a noite delirando, sonhando reviver essas vivências. Quando falece no barraco, Querença, ao descer o morro da escola, lembra a história da avó que “brincava de voar” para enfrentar a dor. Inspirada pela avó, Querença, agora com 13 anos, decide lutar pelos sonhos: estuda, ajuda jovens da comunidade e acredita ser “preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos”.

Análise crítica: “Duzu-Querença” enfatiza a persistência da esperança nas novas gerações, num ciclo de dor e renovação. O narrador onisciente detalha a trajetória de Duzu desde a infância até a velhice. Destaca-se o tema da *reinvenção da vida* pelos descendentes: Querença representa “a esperança renovada”, apontando para o futuro – um eco do conto final (Ayoluwa). O estilo inclui neologismos e figuras poéticas: Duzu fala de ter “asas para voar” mesmo sem pernas. A memória de Duzu mistura realidade e fantasia (os delírios de carnaval misturam celeiros familiares e festas), simbolizando fuga do sofrimento. O conto trata também do estigma social: Duzu mendiga sob uma marquise, estigmatizada pelas pessoas que passam. O contraste entre suas cenas de fantasia e a crueldade do passado sexualizado reforça a denúncia da violência contra mulheres pobres. Apesar do terror do tráfico e da prostituição, o final sugere confiança no futuro – Querença. O conto imprime como mensagem o aprendizado de resistência: o exemplo da avó inspira Querença a lutar “para encontrar novos caminhos”.

Personagens principais e representação: Duzu é a protagonista central, negra e pobre. Representa a mulher que, explorada desde menina, sobreviveu à prostituição, à exploração e ao abandono. Seu delírio de “fazer de conta voar” (sob o neologismo “entrar-entrando” para a iniciação sexual) simboliza a saída pela imaginação. **Querença**, neta de Duzu, é o símbolo de renovação. Ela absorve a história da avó e decide, ainda jovem, lutar por uma vida digna – tornando-se referência e sentimento de comunidade. A evolução de Querença mostra que a “vida-estrada”, como ela própria Duzu fala, pode mudar; ela passa de criança curiosa a jovem líder social. A relação avó-neta demarca a ancestralidade e a transmissão de força, de mãe para filha, em perspectiva circular.

Maria

Resumo: Narrado em terceira pessoa, o conto foca em **Maria**, mulher negra, doméstica e mãe solteira de três meninos. Ela volta para casa depois de trabalhar num domingo e levar algumas sobras de festa para os filhos. No ônibus lotado, encontra o pai de seu filho mais velho, seu ex, que sussurra carinho ao filho. De repente, o homem saca uma arma e, acompanhado, anuncia assalto. Os ladrões roubam todos exceto Maria, que não sai do ônibus – mas ela não fazia parte do crime. No entanto, um passageiro a acusa de cúmplice: “Negra safada, vai ver que estava em colégio com os dois”. Os demais passageiros lincham Maria. Tentando se defender, o motorista diz que ela é trabalhadora humilde voltando da “luta para sustentar os filhos”. Mas ninguém escuta: um homem dá-lhe um tapa no rosto, outros puxam facas. Maria apanha violentamente e morre no local, sem entender por quê.

Em seus últimos instantes, pensa nos filhos e no recado amoroso que o pai acabara de dar ao seu mais velho. Quando a polícia chega, seu corpo está dilacerado. O conto termina ressaltando a brutalidade racista do episódio: Maria foi morta pela própria comunidade pobre que não quis acreditar em sua inocência.

Análise crítica: Este conto denuncia explicitamente o racismo e a violência coletiva. A cena do linchamento é aterradora e realista: até trechos, como “a negra ainda é atrevida” e o grito “Lincha! Lincha!”, reforçam o tom de fúria racista. A autora utiliza neologismo para expressar emoções: descreve o ladrão atirando como movido por “buraco-saudade” pelo filho ausente, humanizando-o levemente. O estilo é direto e chocante, com ênfase em ações súbitas (os tapa, os gritos, as facas) e em linguagem coloquial dos assaltantes e passageiros. O conto impacta ao mostrar o absurdo da violência: Maria é filha devotada, personagem quase arquetípica de mãe sacrificada (“faca a laser corta até a vida!”), e é morta simplesmente por ser a “negra” exposta naquele momento.

Assim como em *Ana Davenga*, a vítima principal é uma mulher negra que acaba assassinada pela relação com um criminoso (no caso, por associação *inocente* ao assalto). A cena final, em que o motorista só vê “a fúria das facas a laser” que cercavam o ônibus, revela a indefensável brutalidade que impregna a coletividade.

Personagens principais e representação: Maria simboliza a mulher negra trabalhadora e honesta, que sacrifica tanto pela família que, paradoxalmente, acaba sendo vítima do preconceito de seus pares. Sua inocência e dedicação (trabalhar num domingo para ajudar os filhos) a torna tragicamente ingênua no conto. Os **assaltantes** – o ex e o comparsa – funcionam como catalisadores da tragédia; o ex demonstra “buraco-saudade” pelo filho, mas cria o assalto que desencadeia o linchamento. Outros personagens-chave são o **motorista do ônibus**, que tenta interceder a favor de Maria, e os passageiros, que personificam a violência ignorante (mulher raivosamente agredindo a própria vizinha pobre). Esses personagens coletivos representam os preconceitos internalizados: apontam o dedo para Maria sem evidência, demonstrando como a desconfiança racial exacerba o perigo da marginalização.

Quantos filhos Natalina teve?

Resumo: Narrado em terceira pessoa, este conto relata a vida de **Natalina**, que já está grávida de seu quarto filho – o primeiro que será de fato seu – quando a história se inicia. Os três primeiros filhos de Natalina foram todos abandonados (entregues a outros) por diferentes motivos. Aos 14 anos engravidou de Bilico e, aterrorizada de uma parteira cruel, fugiu; o menino nasceu e foi dado à enfermeira do hospital. Pouco depois, engravidou de Tonho; embora ele quisesse formar família, Natalina não quis saber e deixou a criança com ele. Uma terceira gravidez vem por artimanha da patroa: obrigaram-na a conceber o filho da patroa. Após dar à luz o bebê e quase morrer, ela não amamenta, é desprezada pelos padrões e a criança é criada como filha deles. Na quarta gravidez, diferente das demais, é vítima de estupro: dois homens a cercam numa caminhonete, ela acredita que procuram o

irmão, mas é carregada, estuprada e, ao fugir, acaba matando um deles acidentalmente. Descobre grávida desse crime. No fim do conto, Natalina foge com coragem e felicidade, pois agora espera seu primeiro filho verdadeiramente seu.

Análise crítica: O conto trata de autonomia feminina e sobrevivência em contextos opressivos. A narrativa linear enfatiza a frieza de Natalina diante da maternidade tradicional: ela rejeita filhos “doados” e só se apegou ao bebê concebido em violência. O estilo é irônico e trágico – o título pergunta “Quantos filhos Natalina teve?” sugerindo a resposta que só um filho é realmente dela. O texto alterna dados secos (nomes, idades) com momentos íntimos (medo da parteira, estupro, tiro) revelando a dureza da vida. Temas centrais: violência sexual (o estupro e aborto do ataque), misoginia, pobreza (Natalina trabalhava sem reconhecimento). Seu ato de matar o algoz ocorre quase sem querer (ela “esbarrou na arma” e, por instinto, disparou); isso a coloca em posição de protagonista que luta pela própria sobrevivência. Apesar de toda a brutalidade, o final transmite uma virada de esperança: Natalina foge, grávida e feliz pelo filho que será seu, como se ela tivesse finalmente alcançado poder sobre sua vida (um traço comum às narrativas de **escrevivência**).

Personagens principais e representação: **Natalina** é a personagem central: uma mulher negra que simboliza, em si, a rejeição às imposições sociais (não se submete ao “destino” de filha/mãe submissa). Sua trajetória tortuosa reflete o que Evaristo chama de *escrevivência*: ela vive as experiências para narrá-las. Natalie representa a resistência contra o papel coisificado da mulher pobre – só ela tomará conta do próprio filho legítimo. Os diversos genitores (Bilico, Tonho, o patrão, o estuprador) são desenhados de forma resumida, mas servem de contrapontos: Bilico e Tonho queriam amá-la, mas ela não corresponde, invertendo o estereótipo de mulher que aceita tudo; o patrão e coniventes a utilizaram, e o estuprador introduz a violência extrema que, finalmente, obriga Natalina a agir para salvar a si mesma. No conjunto, Natalina representa o controle tardio da própria sexualidade e maternidade, destacando-se entre as vítimas fatais do livro por sair viva e transformada.

Beijo na face

Resumo: Este conto explora a descoberta de uma nova forma de amor por **Salinda**, mulher negra casada. Narrado em terceira pessoa com alternância sutil de vozes, começa com Salinda relendo o vestígio de um beijo na sua bochecha – um carinho suave que lhe lembrou a amante secreta. Salinda vive há cinco anos num casamento sem amor, ao lado de um marido controlador. Recentemente, ela iniciou um relacionamento amoroso com sua tia Vandú, em segredo. O neologismo “**borboleta-menina**” descreve poeticamente o beijo da amante como algo frágil, um pedaço da “asa amarela” de uma borboleta. Salinda, porém, precisa disfarçar sua felicidade; percebe que o marido, desconfiado, já contratou um detetive e ameaça-a severamente (“tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se”). Ela não se separa por medo de perder os filhos. O ponto de virada ocorre num retorno de viagem: sozinha em casa, ela reflete sobre sua vida dividida (“equilibrista sobre a dor”). O marido

liga ao final e anuncia que sabe da traição e não quer mais vê-la, decidindo lutar apenas pela guarda das crianças. Apesar do choque final, Salinda opta por não abrir mão dos filhos; o conto termina com ela decidida a seguir seu amor “entre duas iguais”, redescobrimdo sua identidade.

Análise crítica: “Beijo na face” denuncia a opressão do patriarcado e exhibe o despertar homoerótico de Salinda. O estilo mistura prosa poética e realismo: há intensa oralidade (“Tomar as crianças, matá-la”) e uma cena onírica/poética do beijo que “eterniza na memória”. Os neologismos (“borboleta-menina”) e metáforas reforçam a delicadeza dos primeiros carinhos homossexuais frente à crueldade do mundo masculino. A narrativa alterna vozes da protagonista e recortes cotidianos (viagem, lembranças de circo) para criar empatia. O final aberto – o marido parte e Salinda não cede as crianças – enfatiza a afirmação do amor e da liberdade individual. Temas centrais: gênero e sexualidade (relação lésbica entre Salinda e Vandu), violência doméstica, e conflito entre dever materno e desejo pessoal. Salinda, como muitos protagonistas femininos de Evaristo, reencontra esperança em seu próprio corpo e sentimentos, lembrando-se da bailarina que se equilibra na corda bamba. O impacto do conto está no humanismo das duas mulheres negras que amam uma à outra e na denúncia da intolerância que precisam enfrentar: Salinda enfrenta a “prisão familiar” imposta pelo marido e busca sobreviver ao trauma em si.

Personagens principais e representação: **Salinda** é a protagonista: negra, casada e mãe, mas insatisfeita. Ela representa a mulher que descobre uma identidade escondida (ser lésbica) e luta contra um casamento opressor. **Vandu**, a amante e tia de Salinda, simboliza o “amor entre iguais”; ambas são descritas como “altas negras, com dezenas de dreads”, sugerindo irmandade e igualdade no afeto. O **marido de Salinda** encarna o machismo e a violência doentia: ao descobrir a traição, recorre a ameaças extremas (suicídio, tomada dos filhos). Sua figura é anunciada pelos assobios, mas permanece fora de cena, enfatizando que o controle patriarcal é uma ameaça sempre latente. As **crianças** também são personagens-chave em segundo plano, pois servem de desculpa para o marido manter Salinda presa (“gosto de andar à pé com elas”). No conjunto, Salinda e Vandu representam mulheres negras ousadas e amantes que se recusam a morrer “como combinado” pela ignorância alheia, mesmo que tenham que confrontar a sociedade para viverem juntas.

Luamanda

Resumo: Este conto em terceira pessoa traça a trajetória amorosa de **Luamanda**, mulher negra de meia-idade (quase cinquenta anos). Ela reflexiona sobre sua vida afetiva, pontuada por vários amores. Começa dizendo que ela ainda se sente “inteirinha” apesar dos muitos “trambolhões” da vida. Sob influência simbólica da lua (o próprio nome “Lua-mando”), ela explora sua sexualidade livremente. Relata desde a paixão platônica aos 11 anos até o relacionamento aos 13, o casamento inicial (cinco filhos), uma paixão subsequente por outro homem, incluindo experiências homossexuais (“amores vividos em braços iguais aos seus”). Ela sofreu uma agressão por um ex que não a aceitou separada, o que lhe causou traumas sexuais e hemorragia pós-coito – mas insistiu em retomar sua

sensualidade via masturbação até recuperar o prazer perdido. Luamanda se apresenta multifacetada: “avó, mãe, amiga, companheira, amante”. Ao fim, ainda vibrante, ela ouve o assobio de um novo pretendente e se apressa a encontrá-lo, sugerindo que continua aprendendo sobre o amor.

Análise crítica: “Luamanda” celebra a autonomia sexual feminina em todas as idades. Evaristo mescla flashbacks e interiorização poética. O uso de neologismo “**vida-estrada**” indica sua percepção de trajetória pessoal. O conto explora a pluralidade do amor: Luamanda viveu tanto paixões heterossexuais quanto homoeróticas, sempre aprendendo com cada experiência. A intertextualidade com o poema de Cecília Meireles (“Retrato”) destaca a busca de identidade feminina – Luamanda, contudo, se reconhece em constante renovação. Há leveza na narração: ela olha seu corpo no espelho e dança, refletindo orgulho de si mesma. Os sofrimentos sexuais – como o trauma que a deixou sem orgasmo por um tempo – são tratados com naturalidade e superados, mostrando resiliência. Temas centrais: liberdade sexual (“um amor vivido sempre chamava mais um”), autoestima negra (ela se reconhece nas suas múltiplas faces) e celebração da velhice ativa. O impacto desse conto advém de sua mensagem otimista: mesmo após quase cinquenta anos de vida marcada por dores e alegrias, Luamanda continua ativa e disponível para o amor, movida pelo encanto da lua inscrito em seu nome.

Personagens principais e representação: Luamanda é a única personagem central, retratada em suas diversas facetas: menina, mãe, esposa, amante, avó. Ela representa a mulher negra madura que possui pleno domínio sobre o próprio corpo e amor. Sua trajetória simboliza as múltiplas “vidas” que uma mulher pode viver (como diz ela própria, “era avó, mãe, amiga, companheira, amante”). O mito da lua em seu nome dá um tom mágico à narrativa, sugerindo ciclos e renovação constantes. Os parceiros de Luamanda (os cinco filhos, os dois outros homens, a mulher amada) são evocados para revelar aspectos de sua personalidade – mas não são profundamente descritos, pois o foco é sempre a visão de Luamanda sobre eles. Por fim, ela se humaniza como alguém que enxerga beleza em sua história: “achava tudo muito bonito” mesmo comparando seu corpo negro à “alvura” dos amantes.

O cooper de Cida

Resumo: O conto, em terceira pessoa, narra um episódio transformador na rotina de **Cida**, uma jovem mulher negra e esportista. Certa manhã, ao praticar cooper (corrida leve) em Copacabana como de costume, Cida sente o mar e decide parar. O clima – as ondas e o ambiente – a induz a abrandar o passo. A partir daí, observamos sua vida cotidiana acelerada: ela corria apressada pela cidade (subia pelo aluguel no morro e trabalhar), seguindo um ritmo frenético que apelidava de “maratona” contra o tempo.

Na infância, ela imitava a urgência da cidade, mas nunca havia desfrutado calmamente do mar. Nesse dia aos 29 anos, Cida percorre com calma a orla, entra na areia, sente a liberdade de estar descalça, até pensar na desigualdade social (o nadador rico, os

mendigos que pedem café) e no fluir do tempo. De volta ao prédio onde seu marido Pedro a espera para levá-la ao trabalho, ela se atrasa propositadamente. Sem pressa, ela só responde que “esquecera das horas” e que queria “dar um tempo para ela”. Pedro não entende, mas Cida começa a vislumbrar uma vida menos acelerada.

Análise crítica: O conto é sobre desacelerar e reencontrar sentidos na vida. Estilisticamente, destaca-se a ênfase no ritmo: Cida vivia em um “tempo-espço” vertiginoso, até que passa a viver o tempo da natureza. O neologismo “**tempo-espço**” reflete sua nova percepção de que deve cumprir o tempo com mais vagar. Há contraste entre a violência implícita da correria urbana (“corria sobre a corda bamba, invisível e opressora, do tempo”) e a tranquilidade da cena na praia. A narrativa capta sua epifania: de estar “com o coração apressado” mas o corpo quase paralisado de inação diante do mar. Quando Cida finalmente se afasta da labuta frenética e caminha com calma, o autor faz uma crítica social sutil – ela nota a diferença entre ricos e pobres (“o tempo do mendigo”) e questiona a urgência que a dominava. O conto não possui a tragédia dos demais; pelo contrário, transmite uma mensagem otimista: a heroína descobre a importância de “colher” momentos. O impacto reside na quebra da rotina: Evaristo usa o cooper matinal para ilustrar como até nas vidas marginalizadas (Cida é esposa de líder de favela, embora não seja vítima direta de violência) é possível encontrar renovação.

Este conto é muitas vezes destacado como um dos poucos “felizes” da coletânea, mostrando que a autora também reconhece a força do autoconhecimento e do frescor.

Personagens principais e representação: Cida é a única personagem relevante. Ela simboliza a mulher negra ativa e contemporânea que sempre corre contra o tempo. Seu novo olhar representa a busca por equilíbrio – ela toma consciência de que viver acelerada não traz felicidade. Pedro, o marido, aparece apenas como contraponto passivo: ele “sempre a esperava” e não entende a súbita mudança de comportamento, reforçando o dilema de Cida entre seguir os padrões ou sua intuição de desaceleração. Em termos de representação, Cida personifica o tema do autoconhecimento feminino: ao final, mesmo correndo e sendo esportista, ela aprende a “dar um tempo” para si mesma, colocando-se como sujeito ativo na própria vida.

Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos

Resumo: Conto com narrador onisciente que aborda a vulnerabilidade infantil nas favelas. As protagonistas são as irmãs gêmeas **Zaíta** e **Naíta**, de 10 anos, filhas de **Benícia**, mãe de quatro filhos. As meninas brincam com figurinhas, mas a mais preciosa – a “figurinha-flor” (a de uma menina com flores) – está sumida, provavelmente levada pela irmã. Sabendo que a mãe não perdoa bagunça, Zaíta sai em busca de Naíta para achar a figurinha, deixando brinquedos espalhados no barraco. Em meio a isso, ocorre um intenso tiroteio entre facções rivais do tráfico. As crianças, como muitas outras, estavam acostumadas a brincar em meio aos tiros. Perseguindo a preciosidade, Zaíta é atingida por várias balas: “Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas” (descrição poética do tiroteio).

Em segundos, Zaíta morre. Os moradores recolhem o corpo. Só depois, Naíta, ainda tentando salvar a irmã, percebe tragicamente que foi morta por não guardar os brinquedos: grita “— Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!”. O conto termina com a ironia dolorosa: a obediência materna e a inocência infantil reveladas na frase final – agora dita ao lado de um corpo sem vida.

Análise crítica: Este conto toca na precariedade da infância negra e pobre, mostrando como até a brincadeira infantil se mistura com a violência. O narrador intercala cenas de cumplicidade entre as irmãs (troca de brinquedos) com o horror dos tiroteios. O neologismo “**figurinha-flor**” exemplifica a ambiguidade simbólica: refere-se à figurinha mais querida e também à própria Zaíta, de corpo frágil que é atingido enquanto “florescem” tiros ao redor. A representação sonora e visual – os disparos como flores malditas – torna a cena ainda mais cruel. A análise do estilo destaca a escolha de interromper a ação no instante trágico: o leitor só entende a dimensão do acontecimento quando Naíta, perplexa, exclama a última frase do conto. O impacto está no contraste entre a rotina infantil (guardar brinquedos) e a tragédia extrema: regras de criança salvam-na mentalmente, mas não fisicamente. Como em outros contos, mulheres negras são vítimas da violência, mas aqui são crianças que pagam com a vida. A crueldade do fim, em que uma simples brincadeira leva à morte, denuncia a inocência destruída.

Personagens principais e representação: Zaíta e Naíta são irmãs gêmeas de corpo e espírito “flor”, personificando a pureza infantil. Zaíta, ao final, é tragicamente executada sem sequer ter medo das “surras” da mãe – seu único delito foi ser distraída pela brincadeira. **Benícia**, a mãe, representa a proteção falha: trabalha muito para sustentar muitos filhos e cria regras rígidas de obediência (ela “não perdoava” caso deixem brinquedos espalhados). Os irmãos mais velhos – especialmente o líder do tráfico – são presenças ameaçadoras fora de cena: sabe-se que o irmão mais velho está envolvido em confrontos violentos; ele personifica o ambiente em que as crianças nascem. Os demais personagens (vizinho que grita “lincha” em Maria, no conto anterior) dão lugar ao som dos tiros aqui. O momento final em que Naíta chora pela irmã e berra sobre os brinquedos esquecidos resume todo o simbolismo: ela era o “flor” que deveria ser guardada, mas foi levada pela violência.

Di lixão

Resumo: Narrado em terceira pessoa, o conto humaniza **Di Lixão**, um garoto de rua de 15 anos (apelidado por chutarem latões de lixo). Ele dorme sob uma marquise na cidade, onde divide o “quarto” com um colega de 14 anos. Ao amanhecer, sente dor de dente latejante e encontra um pequeno tumor na boca. Ao dar um cuspe para o companheiro, recebe um chute por instinto de defesa e cai de cócoras, em dor excruciante. Esse episódio faz voltar à sua mente a morte da mãe – ele a havia presenciado sendo assassinada na zona de prostituição, mas negou-se a contar à polícia. Dizendo para si que nunca gostou dela, Di sente sua dor física misturada à saudade. Com dificuldade, ele decide pedir ajuda, mas sente esfriar e urina sangue. Lembra das surras que tomava de criança. Fraquejando a cada minuto, ele “foi sentindo tudo doer, a vida nele doía”. Às 7h, um transeunte percebe

que está sangrando e um carro funerário o leva embora como “Di Lixão”, deixando para trás sua vida. Ele morre ali, sob o concreto, sem ninguém chorá-lo.

Análise crítica: Este conto é denúncia do abandono extremo de crianças de rua. O narrador filtra a narrativa pelos pensamentos de Di Lixão, revelando seu sofrimento físico e emocional. O tema do trauma recorrente domina: a dor de dente e o chute despertam memórias de violência (surras da mãe e da prostituição) e um desejo de morte – Di acredita que a morte uniria suas dores (“As dores tinham se encontrado. Doía o dente. Doíam as partes de baixo. Doía o ódio”).

O estilo usa fragmentos quase poéticos (como a repetição de “doía” citada acima) para sublinhar sua angústia. O neologismo “**quarto-marquise**” e a descrição de “um filete de sangue” escorrendo do corpo descrevem a invisibilidade do personagem até a própria morte. O impacto está em humanizar o menino: somos convidados a simpatizar, vendo que Di Lixão é mais do que um “gari da vida”, mas um ser que carrega memória de sua mãe e da própria infância. Seu fim – inconsequente e ignorado pela sociedade – reforça a denúncia: a indiferença mata.

Personagens principais e representação: **Di Lixão** é o protagonista e único foco: um menino negro, órfão e abandonado, que vive na rua. Seu apelido (“o que chuta lixo”) simboliza sua condição marginalizada. Sua jornada existencial mostra como foi “brutalmente desumanizado” pela sociedade. Outro personagem em cena é o **companheiro de dormitório** – aparece no início (reage ao cuspe) mas depois some – representando os pares igualmente esquecidos. Indiretamente, aparece a memória da mãe de Di, assassinada, que ele rejeita mas que dá corpo às suas angústias.

O coletividade de transeuntes e crentes no trem representam a indiferença externa: alguns tentam ajudar, outros acusam-no de embriaguez. No fim, apenas um homem anônimo chama o rabeção. A morte de Di Lixão não tem um vilão direto; o “inimigo” é a própria violência social. Em resumo, Di Lixão representa a criança invisível da favela, cuja existência vulnerável é tragicamente interrompida sem comoção.

Lumbiá

Resumo: Este conto em terceira pessoa narra o dia de **Lumbiá**, menino negro que ganha a vida vendendo amendoins e chicletes na rua. Começa com Lumbiá trocando sua lata de amendoim pela caixa de chicletes da irmã, pois não venderam nada. Se não vender chicletes, seu plano é vender flores – que a mãe desaprova por desvalorizá-los. Ele tem talento para vender: espera casais que acabaram de se beijar para lhes oferecer rosas. Lumbiá adora o Natal, mas não pelas luzes – sim pela figura do menino Jesus no presépio. Anseia ver um presépio em que “o Deus-menino” seja negro como ele.

Ao saber do grande presépio montado num casarão da cidade, Lumbiá vai visitá-lo sozinho, carregando rosas amarelas para oferecer ao Menino e a Baltasar, figura negra dos Reis Magos. Às vésperas do Natal, descalço na rua, ele enfrenta frio e chuva, determinado a

entrar no Casarão aberto apenas para visitação. Lá, ele se ajoelha em frente ao presépio, deseja muito tocar o Menino (o texto sugere que Lumbiá pode concluir o gesto, tornando-se parte daquele cenário sagrado e trazendo esperança para seu povo).

Análise crítica: “Lumbiá” destaca a fé e a ancestralidade como fontes de resistência. O conto contrasta a dureza da vida de Lumbiá (pobreza, violência simbolizada pelo tiroteio constante do tráfico) com sua pura devoção religiosa. O estilo é sensível e detalhista: faz-se notar o neologismo **“imagem-homem”/“imagem-mulher”** em um natalino, ecoando a fixação em representações (presépio). A obsessão de Lumbiá pelo presépio é poética: ele distribui flores como oferenda (fixando seu papel como “flor” entre flores).

O trecho em que ele deseja que o Menino Jesus seja negro como ele revela a luta por um lugar simbólico para o negro dentro da cultura ocidental cristã. A análise temática ressalta que Lumbiá carrega sobre si a responsabilidade de esperança (“a alegria do nosso povo” antes do nome Ayoluwa) – embora seja um dos poucos contos felizes, já que seu fervor é bem recebido. O impacto emotivo vem da empatia: o menino vendendo flores é construído como figura quase messiânica, promovendo união comunitária e fé. O prenúncio de otimismo é encerrado simbolicamente no Natal, anunciando a “inversão do cenário de desesperança”.

Personagens principais e representação: Lumbiá é o herói do conto: menino africano-brasileiro, sonhador e generoso. Ele representa a pureza infantil e a esperança da comunidade pobre. Seus gestos (trocar brinquedos para prosperar, vender flores a casais felizes, ofertar rosas ao Menino Jesus) ilustram o espírito de solidariedade e fé que ele carrega. **Dona Beba**, a irmã, é coadjuvante que mostra vida dura (a caixa de chicletes não vendida); **Benícia**, a mãe, desaprova as flores, simbolizando pragmatismo materno (ela destrata negócios que dão prejuízo).

Não há vilões claros, mas sim o ambiente hostil (o tráfico que não cessa, a chuva e o frio). O presépio em si torna-se personagem simbólico – sobretudo o Menino Jesus negro – que acolhe Lumbiá. No fundo, Lumbiá é quase um alter ego das figuras ancestrais e espirituais (como Oxum em outros contos), carregando em seu nome iorubá (“a alegria do nosso povo”) a expectativa de renovação.

Os amores de Kimbá

Resumo: Conto em terceira pessoa sobre **Kimbá** (antes Zezinho), jovem negro ambicioso. A história se inicia quando ele acorda cedo, já decidido a não mais “deitar” – quer “movimentar a vida até a morte”. O apelido Kimbá lhe fora dado por um amigo rico que o identificou a um africano. Ele deixa o barraco com alívio e dor, cansado da pobreza. Recorda infância: empinava pipa, jogava capoeira, sonhava com a “cidade maravilhosa” (Rio).

Fora do morro, estuda e corre para ter sucesso. Logo, Gustavo, o amigo que lhe deu o nome, apresenta Kimbá à prima **Beth**. Os três começam um relacionamento amoroso

("ficaram juntos para sempre"). Gustavo e Beth nutrem paixão por Kimbá e tinham combinado não se ferir caso um se apaixonasse pelo amante do outro. Mas Beth acaba se apaixonando só por Kimbá e quer-o inteiramente. Kimbá, por sua vez, se acostuma ao ménage à trois mas sente-se esgotado pela situação.

Ele tinha um trabalho monótono no supermercado e noites regadas a festas com Gustavo e Beth. Finalmente, numa noite decisiva, Kimbá olha-se no espelho: o amante gosta de Beth, Beth só quer ele; todos decidem que o amor não dá mais certo.

É um "pacto de amor": eles planejam morrer juntos. Ao amanhecer, Kimbá parte para São Paulo de trem e toma uma dose de veneno. Os dois outros parceiros seguem o plano: Beth toma veneno depois, Gustavo antes. Aos poucos, todos sucumbem. O conto termina com Kimbá desmaiando no vagão e os corpos dos três serem encontrados, consumados num pacto suicida de amor.

Análise crítica: Este é um dos contos mais polêmicos, ao retratar um triângulo amoroso entre Kimbá e dois jovens brancos (Beth e Gustavo). A prosa de Evaristo mantém tonalidade realista: os personagens são apresentados com diálogos e pensamentos internos que revelam conflitos. Temas centrais são a sexualidade (Kimbá descobre desejo por homens e mulheres) e a busca de significado ("movimentar a vida até a morte").

O estilo enfatiza seu corpo e sua descoberta tardia de ser "atraente também para os homens". A análise crítica já apontou que o final (suicídio coletivo) pode soar teatral; ainda assim, ele reforça a intensidade da união entre os três. O ápice simbólico é o planejamento da própria morte como "pacto de amor".

Segundo críticos, essa atitude trágica – mortalidade como saída – causa estranhamento, mas Evaristo provavelmente quis mostrar os limites da utopia romântica quando confrontada com a realidade (racismo, desigualdade social, traição). A narrativa termina reforçando que o amor não se concretiza em vida, mas Kimbá, Beth e Gustavo permanecem unidos até o fim (os tênis vazios do trio no final, apenas sugeridos no texto, ficaram para o leitor imaginar). O impacto é discutir a radicalidade de uma paixão interracial vista sem romantização – afinal, quatro narrativas anteriores (e várias seguintes) terminaram em morte quando homens negros não resistiram, aqui uma tentativa de amor radical também culmina em morte.

Personagens principais e representação: **Kimbá (Zezinho)** é o protagonista: negro, alto e belo, que descobre ser sexualmente apeteçível para ambos os gêneros. Ele simboliza o jovem negro ambicioso que foge da pobreza e, no fim, recusa a própria vida quando lhe faltam alternativas. Kimbá representa a incompletude e a busca de identidade ("ser Ele mesmo, não queria mudar o gosto nem o corpo"). **Beth** é uma mulher branca, bela e liberada, prima de Gustavo, apaixonada por Kimbá. Ela representa o desejo e a possessividade feminina (ela não aceita o acordo de amor livre). **Gustavo** é o amigo branco rico de Kimbá, que o introduz ao mundo novo.

Ele ama ambos, mas sacrifica-se no fim (ingere o veneno primeiro). O trio todo encarna o ideal de amor compartilhado, mas também a tragédia irredimível. Em contraste, a família e

peessoas do morro (avó, mães e irmãos nos barracos) aparecem apenas brevemente, representando suas origens difíceis. A morte final coletiva deles funciona como um símbolo – a passagem para outra existência, marcada por crueldade: como aponta a citação que inspirou o conto, “A morte selaria o pacto de amor entre eles. A morte pelo amor dos três.” (trecho do texto original).

Ei, Ardoca

Resumo: Conto em terceira pessoa sobre **Ardoca**, operário ferroviário cansado de transportar trens. Desde o ventre materno, ele não suporta o estrépito do trem. Cresceu ouvindo maquinário, e cada domingo em casa o aço cantando nos trilhos o atormentava. Aos 20 e poucos anos, ele vai à estação, compra passagem para o sul e sobe no trem, já sem vigor.

Ele havia tomado veneno antes de embarcar, decidido a acabar com sua vida. Durante a viagem, senta-se no chão do vagão, sentindo o corpo falhar: os frequentes tremores reabrem seu trauma infantil. Aos poucos ele definha na cadeira: “debaixo do negro de sua pele, um tom amarelo desbotado aparecia” e ele “estava morrendo”. Quando o trem eventualmente para em uma pequena estação, um viajante se comove e carrega Ardoca para o banco do lado de fora. Neste instante ele morre; o trem parte devagar e o barulho dos trilhos vira seu réquiem. Em silêncio, o corpo de Ardoca é deixado ali – sem rumo, consumido pelos próprios demônios auditivos.

Análise crítica: Este conto também culmina em morte do personagem masculino, refletindo o padrão de fatalidade masculina na obra. A narrativa destaca a alienação de Ardoca em relação ao seu próprio trabalho: ele trabalhava com trens mas detestava o trem, vivendo em conflito com o ambiente que o cercava. A repetição do som é um motivo estilístico: o barulho “fere os ouvidos” de Ardoca, mostrando uma sinestesia entre homem e máquina.

O enredo é quase minimalista: ele decide não mais aguentar a insensibilidade do mundo e ingestão de veneno leva à morte lenta. O estilo fragmentado – misturando monólogo interno e cenas objetivas – reforça a tensão. O impacto do conto está na descrição sensorial final: o trem parado, os passageiros indiferentes, exceto um anônimo que tenta socorrê-lo, e o som do trem partindo como “o réquiem do descanso eterno de Ardoca”. Temas: a desumanização do trabalhador (Ardoca trabalhava e vivia no barulho alheio), a depressão invisível e a fragilidade humana diante de máquinas e hábitos opressivos. A mensagem crítica é: a violência não vem apenas de tiros, mas também de uma vida sem esperança, que mata lentamente.

Personagens principais e representação: **Ardoca** (cujo nome significa “cortar” em tupi-guarani) é o protagonista, representando o homem negro oprimido pelo ritmo brutal da vida. Ele foi moldado pelo trem desde o nascimento – a máquina e sua violência audível são quase antítese da vida humana – e escolhe morrer sob seus trilhos. A família de Ardoca (esposa e filhos) nunca aparece diretamente, mas o leitor imagina o silêncio de domingo em casa. Os companheiros de viagem e os passageiros são anônimos, simbolizando a

indiferença coletiva; apenas um passageiro assume carinhosamente Ardoca nos braços, gesto lido como último ato de compaixão. Curiosamente, o próprio trem age como personagem implacável: a máquina torna-se o executor final. Ao morrer, Ardoca deixa seus sapatos e relógio; sob os trilhos, seu corpo esvaziado sinaliza como ele foi esgotado pela sua própria rotina e traumas.

A gente combinamos de não morrer

Resumo: Conto narrado em terceira pessoa com vozes múltiplas em discurso indireto livre. Divide-se em episódios pelas perspectivas de **Dorvi**, **Bica**, **Dona Esterlinda** (mãe de Bica), e dos jovens **Idago** e **Neo**. Todos cresceram juntos na favela e fizeram um juramento coletivo na infância – “A gente combinamos de não morrer!” – repetido sob o fogo cruzado (não citado diretamente pela autora, mas apresentado simbolicamente). Dorvi narra a cena horrível de uma mulher queimada no lixão, enquanto lembra do pacto infantil e repete em voz alta a frase do juramento. Bica, quando narrado, recorda sua primeira relação sexual abusiva e a confusão entre amor e medo; a própria mãe de Bica, Dona Esterlinda, relembra os tiros que abalaram sua vida. Nos relatos de Idago e Neo, entendemos que ambos foram punidos com a morte por “traição” – por romperem o código do grupo (por exemplo, envolvimento com drogas e violência). Cada narrativa fragmenta a realidade da favela: a violência é ubíqua e inexorável. No fim, o título ironiza o destino dos personagens – apesar de terem “combinado de não morrer”, a maioria acaba tragicamente morta (Dona Esterlinda sobrevive com trauma, Dorvi e Bica seguem vivos mas marcados).

Análise crítica: Este conto destaca a multiplicidade de perspectivas na periferia, mostrando que “a favela” não é homogênea, mas composta por vozes individuais. O uso do plural de narradores revela diferentes níveis de violência (doméstica, narcotráfico, polícia) e a força dos laços comunitários.

Temas centrais: a violência cotidiana que cerca crianças e adultos, o fatalismo juvenil e a frustração dos sonhos juvenis. A linguagem é coloquial e fragmentada, realçando a oralidade – o título em si é coloquial (“a gente”). A pergunta recorrente e o pacto da infância transmitem ironia e tragédia: o conto questiona quão viável é manter a promessa de sobrevivência num “mundo de chumbo”. Ao envolver múltiplos narradores, Evaristo celebra a resiliência (o juramento imposto sob tiros) ao mesmo tempo em que lamenta as vidas ceifadas pela marginalização. O impacto vem do tom realista e fragmentário: o leitor recebe flashes de tragédia que, juntos, formam um panorama dolorido, mas também de cumplicidade e esperança atrofiada.

Personagens principais e representação: **Dorvi** e **Bica** são crianças que cresceram juntas; Dorvi assiste ao enterro brutal de uma mulher e relembra o juramento, simbolizando a consciência coletiva em crise. **Dona Esterlinda** (mãe de Bica) personifica as vítimas adultas da violência, traz lembranças dos tiros e tem trauma físico (olho ferido). **Idago** e **Neo** são jovens que, por “trair” algum código (de boca fechada na cadeia, de lealdade no tráfico), acabam assassinados; representam os amigos de infância que sucumbiram.

O grupo todo constitui um retrato coral da comunidade: não há heróis ou vilões isolados, mas a sobrevivência coletiva questionada. Ao final, a morte frequente desses personagens (ou a perda de inocência representada por eles) evidencia que o pacto original se rompe – reforçando a denúncia das condições sociais que tornam promessas tão sombrias quase utópicas.

Ayoluwa, a alegria do nosso povo

Resumo: Este conto em primeira pessoa fecha o livro num tom de esperança. A narradora é **Bamidele**, mulher negra grávida pela primeira vez. Ao longo do parto, que ocorre no interior brasileiro, ela descreve a celebração nascida em sua comunidade. Desde o primeiro choro de sua filha **Ayoluwa** (“a alegria do nosso povo”), percebe-se que a menina traz consigo renovação. Bamidele lembra as dificuldades que a precederam (“tudo pitimbava em nossa vida”), mas agora todas as mulheres e até homens da vizinhança sentem que algo mudou.

A chegada de Ayoluwa é vista como o reverso do destino de dor – é como se ela plantasse flores no coração de todos. O conto intercala uma descrição poética do nascimento (a menina negra em meio a cantos e danças de seus antepassados) com reflexões sobre ancestralidade: menciona-se que quem trouxe Ayoluwa ao mundo foi alguém “iniciado em todo ritual do nascimento”. Bamidele conclui afirmando que, embora o mundo não esteja consertado, Ayoluwa e sua mãe continuarão “fermentando o pão nosso” – prometendo que, juntas, sustentam a vida da comunidade.

Análise crítica: O conto final retoma as figuras femininas do livro dando-lhes dimensão coletiva e utópica. O nascimento de Ayoluwa é poético e cheio de símbolos: seu nome iorubá significa “alegria do nosso povo”, e ela aparece como filha de Bamidele, a “esperança” (outro nome indicativo). Segundo estudiosos, trata-se de um anúncio de esperança comunitária.

O estilo é marcado por forte lirismo: a rotina comum de parto é elevada a rito sagrado, permeado por religiosidade de matriz africana (cantar umlebitu, dança das orixás) e crenças ancestrais. Embora o conto não tenha reviravolta dramática, ele fecha a coletânea equilibrando denúncia e celebração – após tantas mortes, a obra termina em vida e otimismo. Os temas incluem a transmissão de legado (todas “sentimos algo se contorcer em nossos ventres, os homens também” diante de um novo ciclo de vida) e a busca por identidade (o desejo de um Menino Jesus negro nos presépios em Lumbiá se realiza figurativamente com Ayoluwa).

O impacto vem de sua função contracênica: depois da violência e tragédia, Ayoluwa simboliza um futuro coletivo de resistência. Destacam-se trechos que registram a solenidade de seu nascimento (“foi em boa hora para todos. Há muito que em nossa vida tudo pitimbava”) e o compromisso de persistir (“é como se continuássemos fermentando o pão nosso”). O conto afirma que, embora o mundo permaneça hostil, as mulheres negras seguem construindo esperança dia a dia.

Personagens principais e representação: Ayoluwa e Bamidele são os focos: Ayoluwa, bebê recém-nascida, representa o renascimento simbólico da comunidade afro-brasileira; Bamidele, sua mãe, encarna a ancestralidade (“a esperança”) que permite essa perpetuação. Ayoluwa agrupa as sucessões femininas do livro – ela é filha de mães resistentes e avós sobreviventes (personagens como Duzu, Dorvi, etc., agora genealogicamente conectadas) – e carrega em si a promessa de continuidade.

A comunidade ao redor (as outras mulheres que acompanharam o parto, os vizinhos que dançam, homens emocionados) funciona como coro que vê nela um futuro melhor. Diferentemente dos contos anteriores, não há vilões explícitos aqui; o “adversário” implícito é a própria história de dor que todas superaram para chegar a esse momento. Ayoluwa, ao nascer num ambiente de solidariedade e ancestralidade, simboliza o potencial de transformação: “é como se a criança fizesse brotar alegria, como se renovasse as esperanças”. Sua simples existência desafia a sensação de inevitabilidade do sofrimento, tornando-se um símbolo comunitário – a alegria e a luta de um povo que resiste.